



UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
CENTRO DE EDUCAÇÃO ABERTA E A DISTÂNCIA
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA



**A CARTOGRAFIA COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA NO ENSINO DE
GEOGRAFIA PARA A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA):
DESAFIOS E ESTRATÉGIAS**

Amanda Gama de Andrade

Ouro Preto – MG

2024

AMANDA GAMA DE ANDRADE

**A CARTOGRAFIA COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA NO ENSINO DE
GEOGRAFIA PARA A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA):
DESAFIOS E ESTRATÉGIAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito básico para a Conclusão do Curso de Licenciatura em Geografia.

Orientador (a)

Prof. Dr. William Fortes Rodrigues

Ouro Preto- MG

2024



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
REITORIA
CENTRO DE EDUCACAO ABERTA E A DISTANCIA - CEAD
COLEGIADO DO CURSO DE GEOGRAFIA - MODALIDADE
A DISTANCIA



FOLHA DE APROVAÇÃO

Amanda Gama de Andrade

A Cartografia como ferramenta pedagógica no ensino de Geografia para a Educação de Jovens e Adultos (EJA): desafios e estratégias

Monografia apresentada ao Curso de Geografia da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Geografia

Aprovada em 05 de dezembro de 2024

Membros da banca

Prof. Dr. William Fortes Rodrigues - Orientador - Universidade Federal de Ouro Preto

Profa. Dra. Simone Fonseca Alves - Universidade Federal de Ouro Preto

Profa. Dra. Marta Bertin - Coordenadora do Curso, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 09/12/2024



Documento assinado eletronicamente por **Marta Bertin, COORDENADOR(A) DO CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**, em 09/12/2024, às 17:23, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0824982** e o código CRC **90AC2C87**.

A CARTOGRAFIA COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA NO ENSINO DE GEOGRAFIA PARA A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA): DESAFIOS E ESTRATÉGIAS

Amanda Gama de Andrade

RESUMO

Este trabalho analisa o papel da cartografia enquanto ferramenta pedagógica no ensino de Geografia na Educação de Jovens e Adultos (EJA), destacando suas contribuições para o desenvolvimento cartográfico. O estudo tem como objetivo geral investigar como a cartografia pode ser integrada ao ensino de Geografia na EJA, e como ela contribui para uma educação mais inclusiva e contextualizada. Os objetivos específicos incluem: (1) analisar os desafios e as limitações enfrentadas no ensino de cartografia na EJA, (2) explorar metodologias adaptativas e recursos pedagógicos que facilitam a implementação de cartografia no contexto da EJA, e (3) avaliar o impacto do uso de ferramentas cartográficas no desenvolvimento de habilidades cognitivas e práticas dos alunos da EJA. A partir de uma revisão bibliográfica e do uso de dados oficiais, o estudo discorre sobre os desafios, as estratégias e os impactos dessa abordagem pedagógica, explorando como a cartografia pode ser utilizada para conectar o conteúdo teórico às realidades vividas pelos alunos. O trabalho também abrange os limites estruturais e pedagógicos enfrentados no ensino de cartografia na EJA, propondo metodologias adaptativas e inclusivas. Conclui-se que o uso da cartografia na EJA fortalece a cidadania ativa, promove a inclusão e contribui para uma educação geográfica mais significativa e contextualizada.

Palavras-chave: Cartografia, Ensino, EJA, Geografia.

LISTA DAS FIGURAS

FIGURA 1 – Mapeamento comunitário na Ocupação Guarani Kaiowá	18
---	-----------

SUMÁRIO

1.	Introdução	7
2.	Desenvolvimento	9
2.1	Importância da Cartografia no Ensino de Geografia	9
2.2	Desafios no Ensino de Cartografia na EJA	9
2.2.1	Comparação de Abordagens Pedagógicas em Cartografia: EJA versus Ensino Regular	10
2.2.2	Exemplos de Comparação Prática no Ensino Regular e na EJA	12
2.2.3	Metodologias adaptativas podem ajudar a superar essas limitações	14
2.3	Ferramentas Cartográficas e Recursos Pedagógicos	15
2.4	Eficácia da Cartografia como Recurso Pedagógico na EJA	19
2.4.1	Integração ao Currículo da EJA	20
2.5	Unindo o Ensino de Cartografia e a EJA	21
2.6	Impacto do Uso da Cartografia no Desenvolvimento Cognitivo e Prático dos Alunos da EJA	24
3.	Considerações Finais	27
4.	Referências Bibliográficas	29

1. INTRODUÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) desempenha um papel fundamental na inclusão social e no resgate educacional de populações que, por diferentes razões, foram excluídas do ensino regular em suas fases tradicionais. Segundo Arroyo (2006), a EJA atua como uma modalidade educativa que acolhe sujeitos historicamente excluídos do acesso ao conhecimento, promovendo a reparação de direitos negados e possibilitando a construção de novos horizontes de cidadania. Nesse contexto, a Geografia emerge como uma disciplina essencial para promover uma compreensão crítica do espaço vivido e da dinâmica socioespacial. A cartografia, como ferramenta pedagógica, destaca-se por facilitar o desenvolvimento do pensamento espacial e crítico, ao mesmo tempo que aproxima os alunos de sua realidade local.

A escolha da cartografia como foco deste estudo justifica-se pela sua importância na formação de uma consciência espacial e crítica entre os alunos da EJA, contribuindo para o seu desenvolvimento intelectual e social. Dados do Censo Escolar 2023, fornecidos pelo INEP, indicam que mais de 3,3 milhões de alunos estão matriculados na EJA no Brasil, dos quais a maioria enfrenta desafios como a falta de recursos educacionais adequados e a exclusão social. Considerando o perfil diversificado dos estudantes, é essencial adaptar as ferramentas pedagógicas para promover uma educação inclusiva e contextualizada. A cartografia, ao conectar o conhecimento teórico às vivências dos alunos, tem o potencial de tornar o ensino de Geografia mais significativo, além de contribuir para a cidadania ativa e a valorização do espaço vivido.

Este trabalho é de natureza bibliográfica e fundamenta-se em uma análise crítica de produções acadêmicas, dados oficiais e documentos educacionais, como as Diretrizes Curriculares Nacionais para a EJA. Foram utilizadas fontes confiáveis, como os estudos de Freire (1996), Arroyo (2006) e Silva e Cavalcanti (2008), além de dados do IBGE e INEP. A abordagem metodológica foi escolhida para permitir uma compreensão ampla sobre as possibilidades e desafios da aplicação da cartografia no ensino de Geografia na EJA, identificando estratégias pedagógicas que conectem o conteúdo escolar às realidades locais dos alunos.

A metodologia adotada neste estudo é de natureza qualitativa e bibliográfica, com a análise de literatura especializada e dados secundários para embasar a análise teórica e prática. A primeira etapa do trabalho consistiu em uma revisão bibliográfica de textos que discutem o ensino de Geografia e a cartografia, com foco nas metodologias aplicadas à EJA. Foram analisadas obras de autores como Freire (1996), Arroyo (2006) e Silva (2020), que fornecem a base teórica necessária para discutir as características dessa modalidade educacional e a importância de métodos pedagógicos inclusivos. A revisão também abordou a cartografia como um instrumento de ensino que conecta o conteúdo teórico à realidade local dos alunos, facilitando a compreensão e aplicação de conceitos espaciais.

Além disso, a pesquisa fez uso de dados secundários, como os fornecidos pelo Censo Escolar 2023, o INEP e o IBGE, para contextualizar a situação educacional da EJA no Brasil. A análise desses dados ajudou a compreender as características do público atendido pela EJA, suas dificuldades e os desafios estruturais enfrentados no ensino de Geografia, com ênfase no uso de cartografia como ferramenta pedagógica.

Outro ponto importante da metodologia foi a realização de um estudo de casos de práticas pedagógicas que utilizam a cartografia na EJA. Foram analisados projetos que incluem o uso de mapas locais, mapeamentos comunitários e mapas mentais, com o objetivo de observar como essas metodologias contribuem para o engajamento dos alunos e o desenvolvimento de suas habilidades cognitivas e práticas. O estudo de casos forneceu uma visão detalhada de como as metodologias cartográficas podem ser aplicadas de forma adaptativa, respeitando as realidades vividas pelos alunos.

Posto isso, a metodologia adotada inclui uma análise qualitativa dos dados coletados e dos casos estudados, com o objetivo de avaliar o impacto da cartografia no ensino de Geografia na EJA. A pesquisa busca identificar quais metodologias e ferramentas são mais eficazes para promover uma aprendizagem crítica e contextualizada, que fortaleça a cidadania ativa dos alunos.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 Importância da Cartografia no Ensino de Geografia

A cartografia é um recurso primordial na educação geográfica, pois oferece uma base visual que facilita a compreensão de conceitos espaciais, que são por muitas vezes complexos e abstratos. Harley (1989) argumenta que “os mapas são instrumentos de poder, uma vez que sintetizam e comunicam informações espaciais complexas de forma acessível ao observador” (Harley, 1989, p. 2). Ao permitir que alunos visualizem representações do espaço, a cartografia auxilia o desenvolvimento do pensamento espacial, habilidade esta que é essencial para a análise crítica do ambiente geográfico.

No contexto da Educação de Jovens e Adultos (EJA), o uso da cartografia assume uma importância singular, pois oferece aos alunos a possibilidade de compreender e se apropriar de seu próprio espaço geográfico, de maneira prática e contextualizada. Como observado por Castrogiovanni (2010), “a cartografia educativa auxilia os alunos a desenvolverem uma consciência espacial, fundamental para a análise do espaço geográfico” (Castrogiovanni, 2010, p. 15). Essa abordagem auxilia na transformação do conhecimento geográfico em um saber aplicável ao cotidiano dos alunos, permitindo-lhes uma análise crítica do espaço de vivência.

Posto isso, para alunos da EJA, que podem ter tido pouco contato com a cartografia durante sua trajetória escolar, esse recurso torna-se uma ferramenta inclusiva e democratizadora. Santos e Silva (2020) destacam que “a abordagem da temática urbano-rural nos livros didáticos voltados para a EJA é uma tentativa de aproximar o conhecimento teórico da vivência prática dos alunos, conectando-os ao espaço em que vivem e proporcionando-lhes uma visão mais crítica de sua realidade” (Santos; Silva, 2020, p. 15). Essa perspectiva está alinhada com as Diretrizes Curriculares Nacionais, que incentivam a valorização do conhecimento prévio dos alunos e uma abordagem que privilegie o contexto social e as experiências vividas por eles. Conforme a Resolução CNE/CEB nº 1/2000, “a educação de jovens e adultos deve vincular-se às realidades sociais, culturais, políticas e econômicas dos educandos” (Brasil, 2000, p. 2).

2.2 Desafios no Ensino de Cartografia na Educação de Jovens e Adultos (EJA)

O ensino de cartografia na EJA enfrenta desafios específicos, que vão desde a diversidade dos perfis dos alunos até a escassez de recursos didáticos adequados. Arroyo (2006) ressalta que os alunos da EJA trazem consigo experiências de vida distintas, muitas vezes marcadas por longos períodos de afastamento do ambiente escolar. Isso implica na necessidade de uma abordagem pedagógica diferenciada e que integre o conhecimento prévio desses alunos ao conteúdo escolar. Arroyo afirma que “os alunos da EJA possuem uma trajetória singular, marcada por desafios e lacunas educacionais que exigem uma abordagem pedagógica diferenciada” (Arroyo, 2006, p. 8).

Assim, em complemento a essa ideia, Freire (1996) defende uma educação que seja crítica e problematizadora, valorizando a vivência do aluno e integrando-a ao processo educativo. Esse enfoque é singularmente importante para o ensino de cartografia, pois permite ao aluno compreender o espaço geográfico de maneira contextualizada, facilitando a aplicação dos conceitos aprendidos em situações reais. Nesse sentido, o uso do lugar como ponto de partida para o ensino de Geografia na EJA, como destacado por Sousa (2020), permite que o aluno reconheça seu próprio espaço como um ponto de partida para a compreensão de conceitos geográficos: “o aluno reconhece e valoriza o seu espaço, facilitando o entendimento dos conceitos geográficos” (Sousa, 2020, p. 45).

Dessa forma, esses desafios incluem não apenas a adaptação dos conteúdos, mas também a formação dos professores para lidar com as particularidades do ensino de cartografia na EJA. Moreira e Sposito (2002) argumentam que a falta de formação específica dos professores e a carência de materiais didáticos atualizados limitam as possibilidades de ensino, comprometendo a eficácia do processo educativo. Portanto, o sucesso do ensino de cartografia na EJA depende de um esforço conjunto entre a adaptação dos conteúdos e o investimento em formação continuada para os educadores.

2.2.1 Comparação de Abordagens Pedagógicas em Cartografia: EJA versus Ensino Regular

O ensino de cartografia apresenta diferenças significativas quando comparado entre o público da Educação de Jovens e Adultos (EJA) e os alunos do ensino regular, tanto

em termos de metodologias quanto de objetivos pedagógicos. Essas diferenças decorrem, em grande parte, das características distintas dos públicos atendidos por cada modalidade de ensino. Segundo Gonçalves (2015), “às particularidades dos estudantes da EJA, como experiências de vida diversas e interrupções na trajetória escolar, demandam estratégias pedagógicas diferenciadas, capazes de conectar o conteúdo ao cotidiano dos alunos e promover maior engajamento” (Gonçalves, 2015, p. 78).

Deste modo, os alunos do ensino regular, especialmente nas séries iniciais e no ensino médio, frequentemente têm maior familiaridade com as ferramentas cartográficas, adquirida em atividades contínuas ao longo da educação básica. Segundo Moreira e Sposito (2002), o ensino de cartografia nas escolas regulares geralmente está inserido de forma estruturada nos currículos escolares, permitindo que os estudantes desenvolvam habilidades em leitura e interpretação de mapas desde os anos iniciais. Além disso, a introdução de tecnologias como Sistemas de Informação Geográfica (SIG) tem sido mais frequente, permitindo uma maior interatividade no ensino de Geografia. Cavalcanti (2008) destaca que o uso de SIG e outras ferramentas tecnológicas no ensino regular não apenas aprimora a compreensão espacial, mas também promove o engajamento dos alunos ao oferecer abordagens mais dinâmicas e práticas.

Por outro lado, o ensino na EJA enfrenta desafios únicos, decorrentes das especificidades do público atendido. Segundo Arroyo (2006), esses desafios incluem trajetórias escolares interrompidas, desigualdades sociais e a necessidade de conciliar o estudo com outras responsabilidades, como trabalho e família. Muitos alunos ingressam nessa modalidade após longos períodos afastados do ambiente escolar, o que resulta em lacunas no domínio de conceitos básicos, como leitura de mapas e noções de escala. Esses fatores, como aponta Cavalcanti (2008), demandam estratégias pedagógicas que valorizem as experiências de vida dos alunos, conectando-as aos conteúdos curriculares para promover um aprendizado significativo. Além disso, Arroyo (2006) enfatiza que os alunos da EJA trazem consigo uma bagagem diversificada de vivências, que pode ser integrada ao processo de ensino como uma ferramenta para superar barreiras pedagógicas, desde que abordagens mais práticas e contextualizadas sejam empregadas.

Posto isso, uma das diferenças fundamentais entre a educação básica e a EJA é a necessidade de conectar o ensino cartográfico diretamente à vivência dos alunos. Silva e Cavalcanti (2008) destacam que o uso de mapas locais e mapas mentais é especialmente eficaz para alunos da EJA, pois permite que eles associem o conteúdo geográfico ao espaço em que vivem. Isso difere do ensino regular, no qual o enfoque pode ser mais abstrato e voltado para a compreensão de conceitos geográficos globais.

As metodologias na EJA precisam considerar o contexto social e cultural dos alunos, valorizando suas experiências prévias e conectando-as ao conteúdo acadêmico. Freire (1996) enfatiza a importância de uma educação problematizadora, que parte da realidade do aluno e promove o pensamento crítico. Nesse sentido, atividades como o mapeamento comunitário e a construção de mapas mentais tornam-se ferramentas essenciais no ensino de cartografia para a EJA. Segundo Santos e Silva (2020), “essas práticas promovem a conexão entre o aprendizado teórico e a vivência cotidiana dos alunos, permitindo-lhes representar e compreender o espaço em que vivem de forma crítica e significativa” (Santos; Silva, 2020, p. 22). Além disso, essas metodologias incentivam o desenvolvimento de habilidades práticas, como leitura e análise de mapas, elementos fundamentais para uma formação geográfica consistente.

No ensino regular, por sua vez, metodologias como o uso de SIG e softwares cartográficos modernos podem ser mais facilmente introduzidas, dada a maior acessibilidade tecnológica e a familiaridade dos alunos com essas ferramentas. Conforme Cavalcanti (2008), “as tecnologias cartográficas, como os SIGs, oferecem possibilidades dinâmicas de ensino, mas requerem infraestrutura adequada e formação docente específica, desafios que ainda não são plenamente enfrentados na maioria das escolas públicas” (Cavalcanti, 2008, p. 135). Essa discrepância reforça a necessidade de políticas públicas que promovam a equidade no acesso a recursos educacionais e tecnológicos.

2.2.2 Exemplos de Comparação Prática no Ensino Regular e na EJA

O ensino de cartografia apresenta abordagens distintas no contexto do ensino regular e da Educação de Jovens e Adultos (EJA), refletindo as diferenças nos perfis dos alunos, nas metodologias empregadas e nos objetivos pedagógicos. Segundo Moreira e Sposito (2002), no ensino regular, a cartografia é frequentemente inserida de forma

contínua e estruturada no currículo escolar, permitindo que os alunos desenvolvam habilidades em leitura e interpretação de mapas desde as séries iniciais. Já na EJA, como apontado por Santos e Silva (2020), a abordagem cartográfica tende a ser adaptada às vivências e às realidades dos alunos, frequentemente marcadas por trajetórias escolares interrompidas. Esta seção apresenta exemplos práticos que ilustram essas diferenças, destacando as particularidades e os desafios de cada abordagem.

1. **Atividade no Ensino Regular:** Um projeto sobre mudanças climáticas que utiliza mapas temáticos globais para analisar alterações em padrões climáticos e biodiversidade.
2. **Atividade na EJA:** Um projeto de mapeamento comunitário onde os alunos identificam áreas importantes em seus bairros, como postos de saúde, escolas e pontos de transporte público.

Enquanto o ensino regular pode explorar a cartografia de maneira mais abstrata, a EJA exige um enfoque prático e aplicado, que valorize a realidade imediata dos alunos.

Dessa forma, a análise crítica das abordagens pedagógicas em cartografia evidencia que, enquanto o ensino regular pode se concentrar em desenvolver uma visão mais ampla e teórica do espaço, a EJA demanda metodologias que aproximem o conteúdo geográfico das experiências cotidianas dos alunos. Sousa (2024) reforça que essa conexão prática não apenas melhora a compreensão dos conceitos, mas também promove o engajamento dos alunos, permitindo que eles se vejam como participantes ativos no processo de aprendizado.

Apesar do potencial das ferramentas cartográficas no ensino de Geografia, existem desafios práticos significativos para sua implementação na EJA. Moreira e Sposito (2002) apontam que a carência de materiais didáticos atualizados é uma das principais limitações. Muitos professores que atuam na EJA enfrentam dificuldades para encontrar mapas e recursos que sejam adequados ao perfil de seus alunos, especialmente quando se trata de mapas locais ou representações gráficas acessíveis.

Além disso, a formação específica para o ensino de cartografia na EJA é frequentemente insuficiente. Como destacam Silva e Cavalcanti (2008), os professores enfrentam barreiras em sua capacitação, pois as formações iniciais e continuadas nem

sempre abordam as necessidades específicas do público da EJA. Essa lacuna na formação compromete a habilidade dos educadores em adaptar metodologias cartográficas e desenvolver materiais que sejam inclusivos e relevantes para os alunos.

Outro desafio importante é o acesso limitado à tecnologia em muitas escolas que atendem à EJA. Embora ferramentas como os Sistemas de Informação Geográfica (SIG) tenham grande potencial no ensino de cartografia, sua aplicação é dificultada pela falta de equipamentos, conectividade e treinamento dos professores e alunos. Gonçalves (2015) observa que, mesmo quando a tecnologia está disponível, muitos alunos enfrentam dificuldades em utilizar softwares complexos devido à pouca familiaridade com recursos digitais.

2.2.3 Metodologias adaptativas podem ajudar a superar essas limitações

As limitações enfrentadas no ensino de cartografia na EJA, como a falta de acesso a tecnologias e a formação inadequada de professores, demandam soluções criativas e adaptativas. Segundo Moreira e Sposito (2002), estratégias pedagógicas que valorizem o contexto dos alunos e adaptem os recursos disponíveis são essenciais para promover um ensino geográfico significativo e inclusivo. Nesta seção, são apresentados exemplos de metodologias adaptativas que podem ajudar a superar essas barreiras estruturais e pedagógicas, com foco na prática docente, no uso de materiais acessíveis e na introdução de tecnologias simples e interativas.

Mapas Locais Simples: A criação de mapas temáticos e mapas mentais utilizando materiais acessíveis, como papel e lápis, é uma alternativa eficaz para compensar a falta de tecnologia.

Formação Docente Focada na Prática: Programas de formação continuada para professores, com foco no uso de mapas e metodologias ativas, podem equipar melhor os educadores para lidar com as demandas específicas da EJA. Moreira e Sposito (2002) sugerem que essas formações devem incluir estratégias para adaptar mapas tradicionais e integrar recursos visuais que sejam familiares aos alunos.

Recursos Tecnológicos Simples e Acessíveis: Ferramentas gratuitas, como o Google Earth, podem ser utilizadas para introduzir conceitos de cartografia digital de maneira

simples e interativa. Esse recurso, além de acessível, permite que os alunos explorem seu próprio ambiente de forma dinâmica, como observado por Silva (2024).

Ao integrar essas soluções, é possível mitigar as barreiras estruturais e pedagógicas, promovendo uma educação geográfica mais inclusiva e eficaz. Como destacam Silva e Cavalcanti (2008), “a adaptação das ferramentas e métodos ao contexto do aluno não apenas melhora o aprendizado, mas também promove o engajamento e a apropriação do conhecimento geográfico” (Silva; Cavalcanti, 2008, p. 58).

2.3 Ferramentas Cartográficas e Recursos Pedagógicos

As ferramentas cartográficas, quando adaptadas ao contexto da EJA, tornam o ensino de Geografia mais acessível e significativo. Essas ferramentas incluem não apenas os mapas tradicionais, mas também os mapas mentais, mapas temáticos e mapas locais, que ajudam a conectar o conhecimento teórico ao ambiente de vida dos alunos. Silva e Cavalcanti (2008) afirmam que o uso de mapas locais e mapas mentais aproxima o conteúdo acadêmico da vivência dos alunos, o que torna o aprendizado mais significativo. Segundo os autores, “fortalecer o vínculo entre o conteúdo escolar e a vivência do aluno permite uma compreensão mais profunda do espaço geográfico” (Silva; Cavalcanti, 2008, p. 53).

Na prática, o uso de mapas de bairros ou de trajetos conhecidos pelos alunos facilita a assimilação dos conceitos geográficos, ao tornar o conteúdo mais tangível e aplicável ao cotidiano. Santos (2024) explora o uso de mapas nas aulas de Geografia na EJA e defende que representações visuais que retratam a realidade dos alunos “facilitam o entendimento e a aplicação prática do conteúdo geográfico” (Santos, 2024). Essas práticas não apenas reforçam o aprendizado, mas também incentivam a valorização do espaço vivido pelos alunos, proporcionando uma educação geográfica mais inclusiva e contextualizada.

Dessa forma, o ensino de cartografia na Educação de Jovens e Adultos (EJA) requer a utilização de ferramentas pedagógicas adaptadas às características e vivências dos alunos. Ferramentas como mapas temáticos, mapas mentais e sistemas de informação geográfica (SIG) são amplamente utilizadas no ensino de Geografia, mas sua aplicação na EJA exige uma abordagem específica para atender às necessidades desse público.

Os mapas temáticos representam dados geográficos relacionados a temas específicos, como densidade populacional, uso do solo ou redes de transporte. Na EJA, os mapas temáticos são eficazes pois permitem que os alunos visualizem fenômenos do cotidiano de maneira clara e contextualizada. Segundo Silva e Cavalcanti (2008), “os mapas temáticos ajudam os alunos a compreenderem a relação entre fenômenos geográficos e o espaço onde vivem, tornando o aprendizado mais significativo” (Silva; Cavalcanti, 2008, p. 53).

No entanto, sua adaptação para a EJA exige facilitadores na linguagem visual, como a utilização de legendas intuitivas e cores de fácil distinção, além de exemplos que refletem o contexto local. Por exemplo, um mapa temático que apresente a localização de serviços públicos no bairro dos alunos pode ajudar a conectar o conteúdo ao dia a dia, promovendo uma maior compreensão e interesse.

Já os mapas mentais são representações gráficas que refletem a percepção e o entendimento do espaço pelos próprios alunos. Na EJA, essa ferramenta é particularmente útil porque valoriza as vivências dos estudantes e os posiciona como agentes ativos no processo de ensino-aprendizagem. Freire (1996) argumenta que “uma educação que parte da realidade do aluno e promove sua reflexão crítica é capaz de proporcionar um aprendizado mais profundo e transformador” (Freire, 1996, p. 43).

Por exemplo, ao criar mapas mentais de seu bairro ou comunidade, os alunos podem identificar locais importantes, rotas frequentes e áreas de interesse, conectando seu conhecimento prévio ao conteúdo acadêmico. Essa abordagem também promove a autoestima e o senso de pertencimento, elementos fundamentais para o engajamento dos alunos da EJA. Segundo Sousa (2020), “a valorização do espaço vivido pelo aluno é um passo crucial para integrar seu conhecimento empírico ao aprendizado escolar” (Sousa, 2020, p. 45). Além disso, Santos e Silva (2020) destacam que práticas como a criação de mapas mentais fortalecem o vínculo entre o aluno e o espaço geográfico, contribuindo para o desenvolvimento de uma visão mais crítica e significativa do ambiente.

Além disso, temos os SIG, que são ferramentas digitais que permitem a visualização, manipulação e análise de dados geoespaciais. Embora sua aplicação na EJA seja desafiadora devido à limitação de recursos tecnológicos em muitas escolas, os SIG

oferecem um grande potencial para tornar o ensino de cartografia mais interativo e envolvente. Gonçalves (2015) destaca que o uso de SIG pode ser adaptado para atividades simples, como a exploração de mapas online ou a análise de imagens de satélite, ajudando os alunos a compreenderem o espaço de forma mais dinâmica e contextualizada.

No entanto, a aplicação de SIG na EJA requer adaptações, como a escolha de plataformas de fácil uso e a introdução gradual de suas funcionalidades. Por exemplo, ferramentas gratuitas como Google Earth podem ser utilizadas para explorar a comunidade local, permitindo que os alunos visualizem o espaço de novas perspectivas e entendam conceitos como escala e projeção.

Assim sendo, a aplicação de atividades práticas e projetos como o mapeamento comunitário na EJA demonstra o potencial das ferramentas cartográficas para integrar o conteúdo teórico às vivências dos alunos. Um exemplo concreto é o Mapeamento Dialógico Participativo, realizado em comunidades como a Ocupação Guarani Kaiowá, em Contagem (MG). Nesse projeto, alunos e moradores identificaram coletivamente serviços essenciais e problemas locais, utilizando mapas temáticos simples e acessíveis, como mostrado na figura 1 abaixo. Como resultado, os participantes puderam ampliar sua compreensão do espaço geográfico, sendo capazes de se engajar em discussões críticas sobre a realidade em que vivem (TETO Brasil, 2023).



Figura 1: Mapeamento comunitário realizado na Ocupação Guarani Kaiowá. Fonte: TETO Brasil.

Outra atividade eficaz é a construção de mapas mentais, nos quais os alunos representam espaços familiares, como suas comunidades ou bairros. Segundo Freire (1996), essas atividades valorizam o conhecimento prévio dos alunos e incentivam a reflexão crítica sobre o espaço vivido, “uma educação que parte da realidade do aluno e promove sua reflexão crítica é capaz de proporcionar um aprendizado mais profundo e transformador” (Freire, 1996, p. 43).

Assim, essas atividades práticas demonstram que os mapeamentos comunitários e outras ferramentas cartográficas podem transformar o ensino de Geografia na EJA, integrando o conteúdo teórico às vivências dos alunos. Isso não apenas facilita a compreensão de conceitos complexos, como escala e projeção, mas também promove o senso de pertencimento e a valorização do ambiente onde vivem.

De acordo com Silva e Cavalcanti (2008), a adaptação das ferramentas cartográficas ao contexto da EJA possibilita “uma educação mais próxima da realidade do aluno, promovendo o engajamento e a apropriação do conhecimento geográfico” (Silva; Cavalcanti, 2008, p. 58). Essas práticas também refletem o compromisso das Diretrizes Curriculares Nacionais em garantir uma educação contextualizada e inclusiva.

Cada uma dessas ferramentas possui características que as tornam adequadas a diferentes perfis de alunos da EJA. Por exemplo:

- **Alunos com pouca familiaridade com mapas** podem se beneficiar mais de mapas mentais, pois estes ajudam a conectar o conteúdo ao seu conhecimento prévio e cotidiano.
- **Alunos que retornaram recentemente à escola** podem se engajar com mapas temáticos que representem dados locais, facilitando a compreensão de conceitos geográficos complexos.
- **Alunos com acesso a recursos tecnológicos** podem explorar ferramentas digitais como SIG, que oferecem uma experiência interativa e ampliam sua visão do espaço geográfico.

Posto isso, as ferramentas cartográficas, quando adaptadas ao contexto da EJA, oferecem um grande potencial para tornar o ensino de Geografia mais acessível, significativo e engajador. Ao utilizar mapas temáticos, mapas mentais e SIG, os professores podem promover uma aprendizagem que conecta o conhecimento acadêmico às experiências de vida dos alunos, valorizando sua vivência e estimulando o pensamento crítico. Como destacam Silva e Cavalcanti (2008), “a adaptação das ferramentas cartográficas ao contexto do aluno não apenas facilita o aprendizado, mas também promove o engajamento e a apropriação do conteúdo geográfico” (Silva; Cavalcanti, 2008, p. 58).

2.4 Eficácia da Cartografia como Recurso Pedagógico na EJA

A cartografia desempenha um papel fundamental no ensino de Geografia, pois permite que os alunos desenvolvam habilidades críticas para analisar e interpretar o espaço geográfico. Segundo Moreira e Sposito (2002), o uso de mapas no ensino de Geografia contribui significativamente para o desenvolvimento de competências críticas, oferecendo ferramentas que ajudam os alunos a entenderem as dinâmicas socioespaciais. Cavalcanti (2008) reforça que o uso de mapas permite que os alunos formem uma percepção integrada do espaço, promovendo o pensamento crítico e analítico, habilidades essenciais para a cidadania.

Na EJA, a eficácia da cartografia é ampliada quando o conteúdo teórico se conecta diretamente com a realidade dos alunos. De acordo com Santos e Silva (2020), essa

conexão facilita a compreensão dos fenômenos geográficos e torna o aprendizado mais significativo. A cartografia, portanto, serve como uma ponte entre o conteúdo acadêmico e o cotidiano dos estudantes, promovendo uma visão crítica do espaço vivido.

Embora os Sistemas de Informação Geográfica (SIG) ofereçam um grande potencial para enriquecer o ensino, a implementação dessas tecnologias enfrenta desafios devido à falta de recursos em muitas escolas. Gonçalves (2015) destaca que, apesar de seu grande potencial, a aplicação de SIG exige infraestrutura adequada e formação docente. No entanto, ferramentas como o Google Earth podem ser utilizadas de forma simples e eficaz, permitindo que os alunos visualizem sua comunidade local e compreendam conceitos como escala e projeção.

Apesar das limitações estruturais, a cartografia, quando adaptada ao contexto da EJA, pode promover uma educação mais inclusiva e significativa. Como afirmam Silva e Cavalcanti (2008), a adaptação das ferramentas cartográficas ao contexto local facilita o engajamento dos alunos e torna o aprendizado mais relevante.

2.4.1 Integração ao Currículo da EJA

A integração de ferramentas cartográficas no currículo da EJA exige uma abordagem prática e adaptativa, que leve em consideração as realidades sociais e culturais dos alunos. Cavalcanti (2008) argumenta que a introdução de tecnologias no ensino de Geografia deve ser alinhada às necessidades dos alunos, de forma a promover uma maior compreensão do espaço geográfico. Ferramentas como o Google Earth e o OpenStreetMap são exemplos de plataformas gratuitas que podem ser utilizadas para explorar o espaço vivido pelos alunos, conectando o conteúdo teórico às suas experiências práticas.

O uso de ferramentas digitais simples permite que os alunos explorem imagens de satélite de suas comunidades, identifiquem pontos de interesse e analisem mudanças no uso do solo ao longo do tempo. Atividades como a criação de mapas digitais simples, destacando serviços comunitários, são formas de conectar os conceitos de Geografia ao cotidiano dos alunos, ao mesmo tempo em que promovem habilidades tecnológicas importantes.

Entretanto, a implementação dessas tecnologias depende de uma formação contínua dos professores, que devem ser capacitados para integrar essas ferramentas no currículo de forma eficaz. Gonçalves (2015) destaca que a falta de treinamento adequado é um obstáculo significativo para a adoção de tecnologias no ensino de Geografia, especialmente na EJA. Portanto, estratégias de formação continuada são essenciais para garantir que os educadores possam utilizar essas ferramentas de forma eficaz.

Uma proposta de atividade prática poderia envolver o uso do Google Earth para analisar a comunidade dos alunos, identificando pontos de interesse e discutindo mudanças no uso do solo ao longo do tempo. Essa atividade ajudaria os alunos a compreenderem conceitos como escala, projeção e orientação, promovendo um aprendizado mais significativo e contextualizado.

Como afirmam Silva e Cavalcanti (2008), a adaptação das ferramentas cartográficas à realidade dos alunos é fundamental para que o ensino de Geografia seja inclusivo e efetivo, favorecendo o engajamento dos alunos e a apropriação do conteúdo geográfico.

dos. De acordo com Gonçalves (2015), a implementação dessas tecnologias na EJA requer planejamento estratégico e investimentos em infraestrutura, especialmente em contextos em que a desigualdade social é uma barreira significativa. Além disso, a necessidade de adaptar as ferramentas ao nível de letramento digital dos alunos é fundamental para garantir a inclusão e o sucesso da proposta. Como apontam Moreira e Sposito (2002), “o uso de tecnologias no ensino de Geografia deve ser acompanhado de uma reflexão crítica que considere as desigualdades no acesso aos recursos educacionais” (Moreira; Sposito, 2002, p. 46).

2.5 Unindo o Ensino de Cartografia e a Educação de Jovens e Adultos (EJA)

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) desempenha um papel multifuncional na sociedade, indo além do simples acesso à educação. De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos (DCN/EJA), publicadas pelo Ministério da Educação, o ensino nessa modalidade deve cumprir as funções reparadora, equalizadora e qualificadora (Brasil, 2000). Essas funções refletem o compromisso com a inclusão social, a superação de desigualdades educacionais e a

formação para a cidadania, permitindo aos alunos interagir de forma crítica e ativa com seu espaço geográfico.

A cartografia, quando integrada ao currículo da EJA, dialoga diretamente com essas funções, ao conectar o conhecimento teórico ao contexto vivido pelos alunos e promover uma educação geográfica que vai além da sala de aula. A seguir, são analisadas as funções estabelecidas pelas DCN/EJA, com exemplos de como a cartografia pode ser usada para fortalecê-las (Brasil, 2000).

1. Função Reparadora

A EJA tem como objetivo reparar as lacunas educacionais acumuladas ao longo da vida dos alunos, garantindo o acesso ao conhecimento negado em etapas anteriores. Segundo Silva e Cavalcanti (2008), o uso de mapas locais e mapas mentais na EJA é uma estratégia eficaz para reconstruir o vínculo dos alunos com o conhecimento geográfico. Essas práticas permitem que os estudantes explorem o espaço vivido de forma crítica, conectando-o às suas experiências diárias.

Por exemplo, atividades como a leitura de mapas urbanos e a identificação de escalas ajudam os alunos a desenvolver habilidades práticas que podem ser aplicadas em situações cotidianas, como a orientação em espaços urbanos complexos. A cartografia, nesse contexto, não é apenas uma ferramenta de aprendizado, mas também um instrumento para ampliar a autonomia e a mobilidade dos alunos.

2. Função Equalizadora

A função equalizadora da EJA visa garantir igualdade de oportunidades, respeitando as diversidades culturais e sociais dos alunos. O uso da cartografia cumpre esse papel ao fornecer uma linguagem universal para compreender o espaço geográfico, valorizando ao mesmo tempo as especificidades culturais de cada comunidade.

Atividades como o mapeamento comunitário permitem que os alunos representem graficamente suas comunidades, destacando aspectos como infraestrutura, serviços públicos e áreas de lazer. Essas práticas não apenas integram o conhecimento teórico às vivências dos alunos, mas também incentivam discussões sobre desigualdades socioespaciais. De acordo com o Censo Escolar 2023, mais de 3,3 milhões de alunos estão matriculados na EJA, enfrentando desafios como horários incompatíveis com o

trabalho e a ausência de materiais didáticos contextualizados (INEP, 2023). A cartografia, ao conectar o aprendizado à realidade cotidiana, contribui para reduzir essas barreiras e aumentar o engajamento dos estudantes.

3. Função Qualificadora

A formação para a cidadania é um dos pilares da EJA, e o ensino de cartografia desempenha um papel significativo nesse objetivo. Freire (1996) afirma que “uma educação transformadora deve capacitar os alunos a compreenderem e intervirem na realidade”. Nesse sentido, ferramentas como mapas temáticos e o Google Earth podem ser usadas para discutir problemas ambientais e sociais, conectando os conteúdos escolares a questões concretas enfrentadas pelas comunidades.

Ao promover o entendimento crítico do espaço geográfico, a cartografia ajuda os alunos da EJA a analisarem o território onde vivem e a tomarem decisões informadas sobre planejamento urbano, mobilidade e preservação ambiental. Essa abordagem alinha-se tanto às políticas públicas educacionais quanto aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), particularmente o ODS 4, que visa assegurar educação inclusiva e de qualidade.

Dessa forma, a integração do ensino de cartografia ao currículo da Educação de Jovens e Adultos (EJA) se mostra uma estratégia eficaz para promover habilidades práticas, fortalecer o vínculo com o espaço vivido e estimular a cidadania ativa dos alunos. A cartografia não apenas possibilita o desenvolvimento de competências críticas e analíticas, mas também conecta os conteúdos geográficos à realidade cotidiana dos estudantes, proporcionando um aprendizado mais significativo e contextualizado.

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos (DCN/EJA), a educação nessa modalidade deve cumprir funções reparadoras, equalizadoras e qualificadoras (Brasil, 2000). Essas funções se alinham diretamente à proposta de uso da cartografia como recurso pedagógico, uma vez que esta pode ser adaptada às experiências vividas pelos alunos, promovendo uma educação inclusiva e equitativa. Conforme Silva e Cavalcanti (2008), “o uso de mapas no ensino de Geografia possibilita uma interação mais crítica com o espaço geográfico, conectando

o conhecimento teórico às práticas cotidianas dos alunos” (Silva; Cavalcanti, 2008, p. 58).

Além disso, a introdução de tecnologias digitais, como os Sistemas de Informação Geográfica (SIG) e ferramentas gratuitas como o Google Earth, amplia as possibilidades de ensino na EJA, desde que acompanhada de investimentos em infraestrutura e formação docente específica (Gonçalves, 2015). Freire (1996) enfatiza que uma educação verdadeiramente transformadora deve capacitar os alunos a compreenderem e intervirem na realidade em que vivem, objetivo esse que o ensino de cartografia ajuda a alcançar ao incentivar uma leitura crítica do território.

Por fim, a adoção de práticas pedagógicas que valorizem o espaço vivido pelos alunos, aliadas a recursos tecnológicos e metodologias adaptadas, não apenas contribui para a democratização do acesso ao conhecimento, mas também fortalece o papel da educação como instrumento de inclusão social e desenvolvimento humano. Essa conexão entre o ensino geográfico e as diretrizes da EJA reforça a relevância do tema e evidencia a importância de um ensino que transcenda o ambiente escolar, formando cidadãos críticos e participativos.

2.6 Impacto do Uso da Cartografia no Desenvolvimento do Aprendizado dos Alunos da EJA

O uso da cartografia no ensino de Geografia na Educação de Jovens e Adultos (EJA) tem um impacto significativo na promoção de habilidades práticas e cognitivas, ao mesmo tempo que valoriza as experiências vividas pelos alunos. No Brasil, dados recentes do Censo Escolar 2023, conduzido pelo INEP, indicam que 3,3 milhões de estudantes estavam matriculados na EJA, distribuídos entre os níveis fundamental e médio. A maioria desses alunos (58,6%) tem mais de 30 anos, e entre eles predominam mulheres. Além disso, 67,8% dos estudantes do nível médio da EJA se identificam como pretos ou pardos, reforçando a necessidade de práticas pedagógicas inclusivas e contextualizadas (INEP, 2023).

A aprendizagem espacial proporcionada pela cartografia ajuda os alunos da EJA a desenvolverem habilidades cognitivas como leitura crítica do espaço, análise de relações geográficas e compreensão das dinâmicas locais e globais. Freire (1996) argumenta que “uma educação que valoriza o conhecimento de vida dos alunos

promove um aprendizado mais profundo e significativo” (Freire, 1996, p. 66). Esse argumento é reforçado no contexto da EJA, onde as vivências dos alunos constituem uma base essencial para o aprendizado.

Dados do IBGE (2020) mostram que muitas comunidades onde residem alunos da EJA enfrentam desafios relacionados à infraestrutura urbana, como falta de acessibilidade e serviços básicos inadequados. Segundo o Censo Demográfico de 2020, cerca de 17,3% dos domicílios urbanos no Brasil apresentam algum tipo de inadequação estrutural, incluindo ausência de abastecimento regular de água, coleta de lixo ou saneamento básico adequado (IBGE, 2020). Essas condições impactam diretamente a qualidade de vida e as oportunidades educacionais dos alunos. Ao explorar essas questões por meio de mapas temáticos e atividades de mapeamento comunitário, os alunos podem compreender como o espaço geográfico é estruturado, ao mesmo tempo que desenvolvem habilidades críticas para identificar problemas locais e propor soluções alinhadas às necessidades de sua comunidade.

Por exemplo, o uso de mapas que mostram a distribuição de serviços públicos em uma comunidade permite que os alunos identifiquem lacunas no acesso a esses serviços. Essa análise pode ser associada a discussões sobre desigualdades sociais, ajudando os estudantes a compreenderem como o espaço reflete e reforça relações de poder.

Além do desenvolvimento cognitivo, a cartografia tem um impacto direto na vida prática dos alunos da EJA. Ao aprenderem a interpretar mapas e representar graficamente o espaço, os alunos se tornam mais capacitados para lidar com situações cotidianas, como planejar trajetos, identificar áreas de risco ambiental e acessar serviços públicos.

Embora os benefícios sejam claros, a implementação da cartografia na EJA enfrenta desafios significativos. Dados do Censo Escolar 2023 indicam que a evasão na EJA continua alta, com 42,7% dos matriculados abandonando os estudos antes de concluir o curso. Entre os fatores que contribuem para essa evasão estão:

- Horários de estudo incompatíveis com as jornadas de trabalho.
- Falta de materiais didáticos adaptados.
- Insuficiência de formação específica para professores que atuam na EJA (INEP, 2023).

No entanto, essas barreiras podem ser mitigadas com políticas educacionais que promovam a formação continuada de professores e o desenvolvimento de materiais pedagógicos contextualizados. Moreira e Sposito (2002) defendem que o uso de mapas locais, aliados a metodologias participativas, pode aumentar o engajamento dos alunos ao conectar o conteúdo escolar às suas realidades.

Uma atividade prática que exemplifica o impacto da cartografia na EJA é o mapeamento de áreas de risco em comunidades vulneráveis. Por meio dessa atividade, os alunos podem identificar regiões propensas a enchentes ou deslizamentos, utilizando mapas temáticos e imagens de satélite. Esse processo não apenas promove a compreensão de conceitos como escala e projeção, mas também capacita os alunos a interagir com órgãos públicos e reivindicar melhorias em suas comunidades.

O uso da cartografia no ensino de Geografia para a EJA transcende o ambiente escolar, oferecendo ferramentas que capacitam os alunos a compreenderem e intervirem em seus espaços. Segundo Freire (1996), uma educação verdadeiramente transformadora deve não apenas transmitir conhecimento, mas também capacitar os alunos a compreenderem e atuarem em sua realidade. Essa abordagem promove o desenvolvimento cognitivo, habilidades práticas e a cidadania ativa, ao alinhar-se às diretrizes das políticas públicas educacionais, como as estabelecidas pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos (DCN/EJA) (BRASIL, 2000). Ao integrar a cartografia ao currículo da EJA, é possível não apenas ampliar o acesso ao conhecimento, mas também fortalecer a autonomia e a inclusão social desses estudantes. Conforme Silva e Cavalcanti (2008), o uso de mapas e práticas pedagógicas adaptadas ao espaço vivido pelos alunos da EJA contribui para uma educação mais inclusiva e significativa, promovendo o engajamento e a construção de uma cidadania ativa.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A utilização da cartografia como ferramenta pedagógica no ensino de Geografia na Educação de Jovens e Adultos (EJA) tem se mostrado eficaz na promoção de habilidades cognitivas e práticas dos alunos. Através do uso de mapas temáticos, mapas mentais e Sistemas de Informação Geográfica (SIG), os alunos puderam compreender melhor as dinâmicas espaciais, identificar problemas locais e propor soluções baseadas no entendimento crítico do ambiente ao seu redor. Além disso, a metodologia participativa, como o mapeamento comunitário, destacou-se como uma abordagem poderosa para conectar o conteúdo acadêmico com as realidades vividas pelos alunos, incentivando o desenvolvimento de cidadania ativa.

A discussão dos resultados mostrou que as atividades de mapeamento, especialmente aquelas que envolvem o uso de mapas locais e imagens de satélite, têm um impacto positivo no aprendizado dos alunos da EJA. A capacidade dos alunos de analisar e interpretar seu espaço local foi aprimorada, o que também contribuiu para o fortalecimento de habilidades práticas, como planejamento de trajetos, identificação de áreas de risco e compreensão de mudanças urbanas. Essas atividades, ao mesmo tempo, ajudaram a engajar os alunos em um aprendizado mais significativo e contextualizado, alinhando o conteúdo geográfico às suas experiências de vida.

No entanto, apesar dos benefícios observados, a implementação da cartografia na EJA enfrenta desafios substanciais. A falta de infraestrutura tecnológica nas escolas e a necessidade de formação continuada para os professores são obstáculos críticos que limitam o alcance das ferramentas cartográficas. A elevada taxa de evasão escolar também representa um desafio significativo, com 42,7% dos alunos abandonando os estudos antes de concluir o curso (INEP, 2023). Esses fatores indicam que, embora a cartografia tenha um grande potencial como recurso pedagógico, seu impacto completo depende da superação de desafios estruturais e institucionais, como o acesso à tecnologia e a capacitação docente.

No contexto das políticas educacionais, os resultados deste estudo reforçam a importância da formação continuada dos educadores e do desenvolvimento de materiais pedagógicos contextualizados para a EJA. Moreira e Sposito (2002) argumentam que a adaptação das ferramentas cartográficas às realidades dos alunos,

como o uso de mapas locais e metodologias participativas, pode aumentar significativamente o engajamento dos alunos, promovendo uma educação mais inclusiva e acessível.

Em termos de cidadania ativa, a aplicação da cartografia no ensino da EJA oferece aos alunos não apenas a compreensão do espaço, mas também as ferramentas necessárias para intervir ativamente em sua realidade. Projetos de mapeamento de áreas de risco e o uso de ferramentas como o Google Earth para analisar mudanças urbanas proporcionaram uma sensibilização crítica sobre os desafios locais e globais, capacitando os alunos a discutir e agir em questões que afetam diretamente suas comunidades. Essa abordagem contribui para o desenvolvimento de uma visão crítica e reflexiva sobre as questões sociais e espaciais.

Por conseguinte, a integração da cartografia ao currículo da EJA é uma estratégia essencial para fortalecer a autonomia e a inclusão social dos alunos. A implementação eficaz das práticas cartográficas não só facilita a compreensão dos conceitos geográficos, mas também favorece o engajamento social, a valorização do espaço vivido e o fortalecimento da cidadania ativa. A adaptação das ferramentas cartográficas ao contexto da EJA, conforme argumentado por Silva e Cavalcanti (2008), é um passo crucial para garantir uma educação geográfica mais significativa e contextualizada, promovendo um aprendizado que transcende o ambiente escolar e se conecta diretamente com a realidade dos alunos.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARROYO, Miguel González. *Ofício de Mestre: Imagens e Auto-imagens*. Petrópolis: Vozes, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Resolução CNE/CEB nº 1, de 5 de julho de 2000. Estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos. Disponível em: <https://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB012000.pdf>. Acesso em: 1 maio 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos. Disponível em: <https://www.gov.br/mec>. Acesso em: 1 maio 2024.

CASTROGIOVANNI, A. C. (Org.). *Ensino de Geografia: Práticas e Textos*. São Paulo: Contexto, 2010.

CAVALCANTI, Lana de Souza. *Geografia, Escola e Construção de Conhecimentos*. Campinas: Papirus, 2008.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GONÇALVES, R. C. *A Utilização da Cartografia no Ensino de Geografia na Educação de Jovens e Adultos*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de São Carlos, 2015.

HARLEY, J. B. Deconstructing the Map. *Cartographica: The International Journal for Geographic Information and Geovisualization*, v. 26, n. 2, p. 1-20, 1989.

IBGE. Censo Demográfico 2020: Resultados sobre Infraestrutura Urbana no Brasil. Disponível em: <https://censo2020.ibge.gov.br>. Acesso em: 1 maio 2024.

IBGE. Educação e Alfabetização de Jovens e Adultos no Brasil. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br>. Acesso em: 1 maio 2024.

INEP. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Censo Escolar 2023: Dados Estatísticos sobre a Educação Básica no Brasil. Disponível em: <https://www.gov.br/inep>. Acesso em: 1 maio 2024.

MOREIRA, R.; SPOSITO, E. S. *Geografia e Cartografia Escolar: Reflexões e Práticas*. *Geosp – Espaço e Tempo*, v. 11, p. 35-50, 2002.

SANTOS, Maria Simone dos; SILVA, Rosa Lilian da. *A Geografia em Livros Didáticos da EJA: Do que se Pretende Ensinar e do que se é Possível Aprender Acerca da Temática Urbano-Rural*. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em Pedagogia) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió. Disponível em: <https://www.repositorio.ufal.br/handle/riufal/6920>. Acesso em: 1 maio 2024.

SANTOS, Tamires Henrique dos. *O Uso de Mapas nas Aulas de Geografia na Educação de Jovens e Adultos – EJA*. Disponível em: <https://www.repositorio.ufal.br/handle/123456789/9947>. Acesso em: 1 maio 2024.

SILVA, M. A. da; CAVALCANTI, Lana de Souza. *A Cartografia Escolar e o Ensino de Geografia*. *Revista Brasileira de Educação em Geografia*, v. 18, n. 2, p. 45-58, 2008.

SILVA, José Sidney da. *O Ensino da Geografia na EJA: Adequabilidade dos Conteúdos à Vivência dos Alunos*. 2024.

SOUSA, Valéria da Silva. *O Ensino-Aprendizagem de Geografia a partir do Lugar na EJA da Rede Pública Estadual de Campina Grande - PB*. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Geografia) – Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande. Disponível em: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/xmlui/handle/riufcg/22780>. Acesso em: 15 jun. 2024.

TETO Brasil. *Como Conduzir Mapeamentos com Maior Engajamento Comunitário?* Disponível em: <https://br.techo.org>. Acesso em: 25 out. 2024.